

## EDUCAÇÃO: A CRÍTICA LENINISTA

Máuri de Carvalho<sup>1</sup>

### RESUMO:

Trata o presente trabalho de criteriosa e rigorosa análise e inspeção da educação brasileira no âmbito das universidades públicas, a partir do estudo da obra Lenin que deixou ao passo com suas obras econômicas e políticas, obras filosóficas de primeiro plano. Lenin arguiu que o primado do capital sobre o trabalho continuaria caso a luta de classes permanecesse latente ou apenas revelando-se esporádicas, espontâneas. O caráter complexo e singular da intensificação da luta ideológica após a *débâcle* do Leste Europeu reavivou meu interesse pelo resgate da obra de Lenin por entendê-la um incontornável contributo ao marxismo e à crítica da educação na cidade do capital. Sem embargo, a obra leniniana é um alento teórico *crítico e revolucionário* à construção de uma prática revolucionária direcionada para a construção de uma nova sociedade despojada das contradições imanentes ao modo capitalista de produção da existência.

Palavras-chave: Crítica, Leninismo, Marxismo, Teorias Novidadeiras

## EDUCATION: A CRITICAL LENINIST

### ABSTRACT:

The present article is a careful and rigorous review and inspection of Brazilian education in public universities, from the study of Lenin, who left work to spend with their economic and political works, philosophical works in the foreground. Lenin argued that the rule of capital over work would continue if the class struggle remained latent or just revealing itself sporadic, spontaneous. The complex and unique character of the intensification of the ideological struggle after the *débâcle* in Eastern Europe rekindled my interest in the work of redemption by Lenin understand it a compelling contribution to Marxism and the critique of education in the capital city. Nevertheless, the book is a breath leniniana critical theorist and revolutionary construction of a revolutionary practice directed for building a new society devoid of contradictions inherent in the capitalist mode of production in existence.

Keywords: Critique, Leninism, Marxism, new theories.

### OVERTOURE

A criteriosa e rigorosa análise e inspeção da educação brasileira, notadamente no âmbito das universidades públicas, sem causa aparente induziram meu escrutínio crítico a estudar Lenin mesmo diante da reação da patuléia intelectualizada com sua risada sarcástica, ainda que surda, à minha intenção.

Estudos sobre Lenin, segundo aponta a patuléia, não seriam sérios. Contudo, entendo não ser historicamente correto negligenciar as obras dos continuadores de Marx e Engels, em particular de Lenin, sem esquecermos igualmente as contribuições de Rosa Luxemburgo, Josef Stalin, Mao Tsé-Tung, Ho Chi Minh dentre outros.

Especificamente, Lenin deixou ao passo com suas obras econômicas e políticas (análise do Estado e do Imperialismo), obras filosóficas de primeiro plano. Nos *Cadernos Filosóficos*, Lenin retoma pontos essenciais postos por Marx e Engels como (1) a elaboração de uma lógica dialética a partir de Hegel, (2) uma metodologia geral, (3) uma doutrina das “categorias” etc..

Em tempos de apostasia e obscurantismo estudar e escrever sobre Lenin é uma despreziosa contribuição ao marxismo dedicada aos jovens estudantes de hoje, testemunhas sem memória do amanhã, passageiros de tempos conservadores onde o pensamento neoliberal foi erguido à remissão dos pobres e à entronização da miséria e da abundância.

Muito se tem escrito e falado sobre o marxismo, por isto não é minha pretensão discorrer sobre o que outros autores já o fizeram magistralmente, mas apenas procurar colocar um pouco da crítica mordaz de Lenin, divulgador do método dialético e da filosofia marxista, ausente da Academia.

Não se pode esquecer ter sido o capitalismo alvo do combate de Lenin, notadamente após a Revolução de Outubro, e sobre o qual ele construiu a parte mais densa de sua obra, sem a qual a transposição da barbárie para o socialismo e, posteriormente, para o comunismo não se efetivará.

O método dialético trabalhado por Lenin propiciou-o compreender que o pano de fundo do capitalismo era a extorsão da força de trabalho alheia. Lênin arguiu que à continuidade do primado do capital sobre o trabalho continuaria à medida que a luta de classes permanecesse latente ou revelando-se apenas como manifestações esporádicas, espontâneas.

São muitos os pretensos pensadores a se intitularem como exegetas da negação do marxismo. Por conseguinte, propagandeiam, em seus escritos parcos e em suas mínimas e pífias ilações, que suplantaram e destronaram o marxismo desgastado pelo tempo e exaurido pelo fracasso do socialismo real.

Paradoxalmente, o caráter dinâmico, complexo e singular da intensificação da luta ideológica após a *débâcle* do Leste Europeu, determinou o incremento do resgate da obra de Lenin, incontornável contributo ao marxismo e alento teórico revolucionário à construção de uma prática revolucionária voltada a construção de uma vida futura do planeta despojada das contradições imanentes ao modo capitalista de produção da existência.

## INTRODUÇÃO

A educação não é um talismã mágico! No melhor dos casos ela, na cidade do capital sob os ares da democracia burguesa, pode ajudar o processo de transformação da sociedade à medida que

A emancipação dos trabalhadores só pode ser obra dos próprios trabalhadores, e unicamente a mais estreita aliança dos trabalhadores das cidades com os pobres do campo pode vencer a resistência da burguesia e dos latifundiários (LENIN, v. 36, 1986, p. 485).

Na educação superior as classes dominantes continuam com uma variada gama de privilégios, inclusive jurídicos, à medida que nas universidades públicas brasileira só são admitidos, em primeiro lugar, os filhos e filhas da burguesia, restando aos filhos e filhas do proletariado e dos camponeses pobres, os cursos técnicos e, não raramente, o analfabetismo formal (LENIN, v. 37, 1986, p. 35).

É preciso facultar, se queremos realmente incluir, o ingresso nas universidades públicas e nos centros de educação superior a todos os que quiserem e que tenham alcançado a idade mínima de 17 anos. É preciso anular exames e pagamentos de matrícula e mensalidades, como é também, se queremos incluir, investir um soam extraordinária de dinheiro na educação básica pública, fundamento de uma boa educação superior.

A escola precisa revelar a ligação indissociável entre educação, economia política, domínio do conhecimento e socialismo. É imprescindível compreender que para suprimir o capitalismo é preciso suprimir por completo as classes sociais, sufocar a resistência dos

exploradores e unir os trabalhadores e explorados, oprimidos e atomizados pelo capitalismo (LENIN, v. 37, 1986, p. 89).

Hoje está claro para este escriba que a tarefa principal dos sindicatos operários consiste em utilizar o conhecimento e a educação superior – resultado do acervo dos conhecimentos adquiridos pela humanidade – para frustrar a perpetuidade do capitalismo, e colocar a ciência e a tecnologia a serviço da organização da economia nacional, objetivando a constituição de uma sociedade sem exploradores e explorados (LENIN, v. 37, 1986, p. 144).

Mesmo sem perder de vista a estreita ligação educação e economia política, identifiquei um obstáculo real à consecução de uma pedagogia marxista: os preconceitos religiosos transmitidos às novas gerações pela educação familiar e pelas escolas confessionais.

Contra esses preconceitos é preciso lutar por intermédio da propaganda e da ilustração, à medida que “a fonte mais profunda dos preconceitos religiosos está na miséria e na ignorância; este é o mal que devemos combater” (LENIN, v. 37, 1986, p. 192).

Hoje, mais que dantes, há a necessidade de apoiar a luta contra a grande parte do magistério que, afincada nos velhos preconceitos burgueses e nas velhas hipocrisias, imagina que pode noutro modo de produção da existência pode conservar para si o legado negativo do *encién regime*.

E uma dessas hipocrisias, não claramente professada, é o esquecimento de que o objetivo do sistema de ensino é educar as novas gerações para transformá-las em dóceis e diligentes servidores da burguesia.

Em outras palavras,

Uma dessas hipocrisias burguesas é a convicção de que a escola pode manter-se à margem da política. Sabeis, perfeitamente, o quanto é falsa essa convicção. A burguesia que defendia esse princípio impôs sua própria política burguesa ao sistema de educação e tratou de reduzi-lo à formação de servidores dóceis e diligentes da burguesia, tratou de reduzir de cima abaixo inclusive a educação geral à formação de lacaios dóceis e zelosos da burguesia, à formação de escravos e executores da vontade do capital (LENIN, 1986, v. 37, p. 446).

Na cidade do capital a classe dominante transformou a educação oficial em lócus de quadros intelectuais da burguesia, sem se preocupar jamais de fazer da escola um instrumento de educação da personalidade humana em geral.

Enfim, convém registrar que ainda hoje quando se fala de uma verdadeira reforma da educação, logo aparece alguém dizendo que tal proposição é algo muito difícil de realizar. Por suposto, esse alguém continuará usando subterfúgios e tergiversando sobre a vinculação da escola à política. Sobre o princípio da escola vinculada à política é construída uma interpretação grosseira e monstruosa para inculcar a política da neutralidade da educação nas novas gerações.

## SEM EVASIVAS

Diante desse fato incontornável, resta como alternativa à educação burguesa, determinada e determinante da política de exclusão, no sentido da formação plena da personalidade multifacetada, a educação socialista vinculada à luta dos trabalhadores e dos explorados e fundamentada na pedagogia marxista.

É tarefa escolar dos professores socialistas e comunistas demonstrarem a vinculação da escola capitalista ou da educação burguesa com a economia política buscando suprimir as toscas e hediondas interpretações, antes que sejam inculcadas nas novas gerações.

Neste caso, a missão desses professores é caminhar na contramão do senso comum dos pedagogos oficiais para fundar uma escola mais ampla que abarque o mais possível a maior quantidade de filhos e filhas da classe trabalhadora e onde eles possam tomar contato com os referenciais socialistas e comunistas produzidos pela humanidade. Mais que dantes é imperioso uma escola a se somar à luta dos trabalhadores pela transformação da cidade do capital em cidade do trabalho.

Todavia, são imprescindíveis a propaganda e a agitação contra os preconceitos burgueses inculcados pela ação pedagógica de parte significativa do magistério habituada “a pensar que unicamente os ricos podem receber uma boa educação e que à maioria dos trabalhadores era suficiente a preparação de bons criados e bons operários, de modo algum a de verdadeiros donos da vida” (LENIN, 1986, v. 37, p. 447).

A concepção dual da educação escolar é uma decorrência do fracionamento do ensino na cidade do capital. Esse fato de *per si*, condena “parte do professorado a uma esfera estreita, à esfera do presumido ensinamento, e (os) impedia de criar um mecanismo único e completo no qual estejam e colaborem todas as forças do conhecimento”. (Idem, *ibidem*)

Diante da capitulação dos governos burgueses dos países capitalistas periféricos ao poder do imperialismo e à ação das máfias ricas que controlam as finanças internacionais – cujos tentáculos corrompem parte significativa da intelectualidade e seguimentos importantes da classe operária – o professorado socialista e comunista tem por missão resgatar a grande utopia, a edificação uma sociedade sem classes, comunista.

Qualquer outro caminho assumido nos levará ainda que não queiramos e por omissão a defender o capitalismo em sua forma mais dantesca, o imperialismo. Por isto, como diria Lenin:

Sobre o magistério recai a magna tarefa de agrupar-se num sindicato. (...) No momento em que vivemos não há termo médio. Vossa organização deve se converter agora em um amplo sindicato de trabalhadores da educação que abarque um grande número de professores, um sindicato que se situe com decisão na plataforma soviética e pise o terreno da luta pelo socialismo mediante a ditadura do proletariado (LENIN, 1986, v. 37, p. 447).

Uma consigna leninista diz que, como no século XX, no século XXI o movimento de trabalhadores da educação não pode estar separado das tarefas fundamentais da luta para libertar o trabalho das peias e do jugo do capital. Trabalhar na contramão dos professores da ordem é a tarefa primordial dos professores socialistas e comunistas, educadores das novas gerações, cujo objetivo é educar milhões de homens e mulheres aprendendo a se desfazerem dos velhos e arraigados preconceitos.

Entretanto, no seio do movimento docente há os abúlicos e os vacilantes, independentes de palavra e dependentes de fato, ou seja, progressistas de ocasião, mas reacionários de corpo por inteiro que servem à burguesia e que hoje podem estar com os trabalhadores e, amanhã, freqüentando os salões da burguesia. Sem caráter, sem honra, sem consciência de classe, estão no mundo e como mamulengos humanos são manipulados por forças que desconhecem.

Plasmação viva do desconcerto filisteu, partidários de palavra da revolução sem revolução, são incapazes de fato de compreender a história das revoluções e sua imprescindibilidade no século XXI. Renegados que ao defenderem a democracia em geral, não sabem que “defendem de fato a democracia burguesa” (LENIN, 1986, v. 37, p. 472).

E se não conhecem as forças “ocultas” que manipulam as linhas mestras dos mamulengos humanos, não conseguem compreender que a pretensão de hegemonizar uma política de inclusão social via educação escolar, desconhecem que nas escolas oficiais a maioria absoluta dos professores e professoras foi educada nos velhos preconceitos burgueses. Não é difícil localizar nas escolas públicas (federais, estaduais e municipais) a tenaz resistência à transformação social, inclusive tal resistência ocorre também entre os professores universitários portadores de um conhecimento, grosso modo, refinado, mas habituados a considerar a coisa pública como seu patrimônio, onde servem a si mesmos e à classe dominante (LENIN, v. 37, 1986, p. 477).

### **CULTURA E REVOLUÇÃO: UMA ANTINOMIA?**

O trabalho pedagógico extra-escolar está mais sintonizado com um projeto de sociedade socialista, que o trabalho pedagógico escolar. A educação extra-escolar deve ser vista como deveras importante para a transformação da vida dos operários, trabalhadores assalariados e camponeses pobres, à medida que eles procuram novas vias à consecução de suas demandas materiais e intelectuais.

Defendo a tese da unificação do trabalho pedagógico extra-escolar com a educação escolar em particular. A unificação desses trabalhos pedagógicos possibilita assestar um golpe letal na máxima cunhada pela burguesia que, em maior ou menor grau, nos contagia e corrompe, diz assim:

Cada um por si e Deus por todos. Esse legado que recebemos do capitalismo rapace, sórdido e sanguinário nos asfixia, nos esmaga, abate, nos oprime, nos prejudica mais que nunca no mundo. Não podemos nos livrar imediatamente desse legado; é preciso lutar incessantemente contra ele, é preciso declarar e organizar mais de uma campanha contra ele (LENIN, v. 37, 1986, p. 481).

Sem embargo, a educação ocupa lugar de destaque nos projetos dos transformadores da sociedade e nos sonhos dos revolucionários. É necessário se utilizar em toda a sua magnitude os avanços e conquistas da ciência e da tecnologia como partes integrantes do legado cultural da humanidade. Em consenso entre eles que a educação voltada à inclusão social não pode continuar como instrumento de dominação da burguesia sobre a classe operária, ela tem que ser transformada em instrumento da classe operária para supressão da divisão da sociedade em classes. A inclusão social e a luta pela extinção das classes sociais são objetivos congeminados.

É necessário aproveitar o histórico paradoxo da educação escolar, por um lado, ela se dedica à divulgação e internalização das idéias da classe dominante, por outro lado, ela pode influir positivamente na divulgação da ideologia do proletariado a fim de formar uma geração de homens e mulheres capazes de destronar o capital e construir a cidade do trabalho, o comunismo. Neste sentido, a educação pública tem lugar de destaque na formação do homem do futuro e na superação das diferenças substanciais entre trabalho intelectual e trabalho braçal.

Todavia, por divergências ideológicas os professores e professoras da ordem têm uma dificuldade, por motivos óbvios, em aceitar as teses da pedagogia marxista. Ainda que algumas dessas idéias, postuladas no passado recente, ainda hoje soem como atuais e politicamente incontroversas:

Os professores e professoras da ordem, com os intelectuais burgueses, se deixam levar pela política, ideologia e influência da burguesia porque incorporaram como sua a cultura produzida no ambiente burguês e através dele. Exatamente por isto, vacilantes tropeçam a cada passo e fazem concessões políticas e ideológicas à burguesia contra-revolucionária. Em seus desvarios não percebem que o problema de unir a teoria revolucionária do proletariado com a cultura, a ciência e a técnica burguesas, patrimônio de poucos, é uma predica revisionista e oportunista (LENIN, v. 38, 1986, p. 63).

Historicamente, o escrutínio crítico me diz que as conquistas da ciência e da tecnologia na cidade do capital representam um aumento de produtividade do trabalho e ampliação da riqueza social. Mas embora condicionem o crescimento da riqueza, paradoxalmente essas conquistas aprofundam o fosso entre os ricos e os pobres, fazendo crescer a insegurança, o desemprego e toda sorte de privações para um número cada vez maior de operários e de camponeses pobres (LENIN, v. 38, 1986, p. 93).

A educação pública voltada para a inclusão social, como precitado, ainda é instrumento de dominação de classe da burguesia, mas pode ser transformada em instrumento para a supressão desta dominação, demudada em veículo de influência ideológica, organização, propaganda e agitação educativa do proletariado. Neste caso, aos professores socialistas e comunistas resta a “guerrilha pedagógica” contra o capital cujos pontos de ataque são os seguintes:

Primeiro, levar ao cabo e ao fim a educação geral e politécnica que dê a conhecer na teoria e na prática os principais ramos da produção material e intelectual, gratuita, de qualidade e obrigatória para todas as crianças de ambos os sexos até os 16 anos.

Segundo, estabelecer e defender a estreita vinculação da relação inquebrantável entre a educação intelectual, a educação para o trabalho e a educação física (a ginástica com fim militar).

Terceiro, intensificar o trabalho de agitação e propaganda entre os professores e as professoras, notadamente entre os vacilantes e indecisos.

Quarto, preparar para o magistério novos quadros imbuídos de idéias que possam contribuir com o avanço do processo de transformação da sociedade.

Quinto, incorporar a população trabalhadora na ativa participação no trabalho de educação, desenvolvendo os conselhos de ensino público, mobilizando os que sabem ler e escrever etc.

Sexto, ajudar a auto-educação dos operários, camponeses e trabalhadores assalariados, via organização de bibliotecas públicas, escolas para adultos, universidades populares, conferências, cinemas, colóquios, saraus etc.

Nenhum governo burguês ou popular, até hoje, empreendeu ações neste sentido, ou seja, não desenvolveu um programa efetivo de educação de adultos cujo objetivo deveria ser sua libertação do jugo patronal. Nenhum governo burguês ou popular construiu Universidades populares, onde preferencialmente fossem matriculados os filhos e as filhas dos operários, trabalhadores assalariados e camponeses pobres.

Convém registrar que o governo burguês popular (uma contradição nos termos) brasileiro, demagógica e perversamente incentiva a luta fratricida entre os pobres com a cor da pele diferente (negra e branca) por minguadas cotas estupidamente chamadas “cotas raciais” como forma de encobrir seu papel histórico de administrador dos interesses da classe dominante.

Nenhuma reforma do sistema educacional dos governos burgueses ditos populares, tratou de modificar radicalmente os conteúdos curriculares das escolas e das universidades, direcionando-os à crítica do presente e o envolvimento com a construção no futuro de outro modo de produção da existência.

Os reformistas não sabem que uma sociedade onde homens e mulheres livres cantem o amor a quem não soube amar ninguém (além do dinheiro) só será possível quando os recursos da ciência e da tecnologia sejam acessíveis aos trabalhadores e aos camponeses, ou seja, quando a ciência e a tecnologia, meios de produção, sejam expropriadas aos expropriadores. Não existe outra maneira de construir outro modo de produção da existência antagônico ao capitalismo (LENIN, v. 38, 1986, p. 176).

### NEM COM ELA E NEM SEM ELA

Ao contrário da apologia do messianismo pedagógico, a educação não é um talismã mágico. A educação oficial não pode livrar os trabalhadores em geral dos males do passado, mormente do negativo legado capitalista (LENIN, v. 38, 1986, p. 253).

É evidente que a educação não é o talismã miraculoso predicado pelos reformistas, mas também é evidente que, mesmo correndo o risco de parecer paradoxal, na perspectiva da contradição dialética a educação oficial pode apontar para os trabalhadores o caminho a ser construído rumo ao socialismo, ao colocar para si mesma a seguinte tese: “reeducação das massas, organização e difusão dos conhecimentos, e luta contra a herança recebida de ignorância e incultura, de selvageria e embrutecimento” (LENIN, v. 38, 1986, p. 352).

A reeducação dos operários e dos trabalhadores é imperiosa à medida que, em primeiro lugar, ela não pode ser limitada aos marcos do convencionalismo da educação oficial burguesa contra a qual é preciso lutar; em segundo lugar, a abundância de professores e intelectuais burgueses que trabalham nas escolas urbanas e rurais, onde seguramente desenvolvem suas invenções pessoais em matéria de filosofia e cultura, em outras palavras, desenvolvem ou usam métodos de deformação das consciências travestidos com uma roupagem novidadeira.

Se a educação é estratégica à manutenção e reprodução da dominação do capital sobre o trabalho, ela, contraditoriamente, é indispensável à edificação doutro modo de produção da existência. Além do mais, isto parece ser o *quid* da questão sobre a qual tanto se fala e a qual tanto preocupa: a educação deve coadjuvar o desenvolvimento político da população em geral, enquanto no campo cultural ela significa: elevar a capacidade dos operários e camponeses pobres de conhecer os meandros da sociedade que ajudam a construir ampliando o poder do capital; ajudá-los a despir-se dos preconceitos arraigados, e implementar tarefas coletivas com as quais poderão transformar a sociedade onde se encontram escravizados.

Nem com e nem sela. Se a educação burguesa doméstica, apenas ela em sua forma escolar e extra-escolar pode clarear que “tomado à margem da supressão das classes, o conceito de igualdade é o mais néscio e absurdo dos preconceitos” (ENGELS, F. *Anti-Dühring*. Apud LENIN, v. 38, 1986, p. 377).

Vencer a indisciplina pequena burguesa, cujo efeito devastador é a desorganização e a apatia política, parece ser um milhão de vezes mais difícil que vencer os capitalistas e os agiotes internacionais. Como reporta Lenin no *I Congresso Nacional de Educação de extra-escolar*, esse esforço é um milhão de vezes mais frutífero para a construção de uma nova organização social e política livre da exploração capitalista. “A isto devemos dedicar toda a nossa atividade tanto na educação extra-escolar como na escolar” (LENIN, v. 38, 1986, p. 396).

A educação escolar voltada para a inclusão social, ao atacar as causas da exclusão, deve dar uma explicação histórica aos operários, trabalhadores assalariados e camponeses pobres sobre a gênese do processo de exploração do homem pelo homem. A eles, ela deve explicar que enquanto os governos burgueses e suas camarilhas de lacaios da burguesia continuar ludibriando-os nada de novo acontecerá sob o sol do equador, continuarão sendo escravos da burguesia, por omissão, cúmplices de seus crimes, apesar da ornamentação democrática e republicana.

A educação burguesa direcionada a inclusão social é apenas fraseologia dos intelectuais a turvar a vista, ofuscar a consciência, e atribuir “um novo alento ao secular atraso, à inércia e à ruína do capitalismo, do parlamentarismo e da democracia burguesa” (LENIN, v. 38, 1986, p. 411).

### O QUE FAZER?

O desafio pedagógico de uma real política de inclusão social e de construção de outro sistema de ensino voltados à transformação da velha sociedade capitalista deverá incluir na educação das novas gerações, chamadas a edificar outro modo de produção da existência, conteúdos com os quais possam compreender que não podem continuar sendo o que seus pais e seus antepassados foram: escravos assalariados do capital.

Lenin no discurso sobre as *Tarefas da União de Juventudes*, diz ser preciso antes de qualquer coisa transformar de maneira radical o ensino, a organização e a educação das novas gerações, para que os seus esforços tenham como resultado a criação de uma sociedade que não se pareça em nada com a sociedade capitalista (LENIN, v. 41, 1986, p. 307).

Para Lenin, um dos vícios acadêmicos que seria legado pelas gerações passadas às novas gerações seria o completo divórcio entre o livro e a vida, entre a teoria e a prática. Há livros, diz ele, nos quais tudo está exposto de forma quase perfeita, senão perfeita, embora em sua grande maioria esses livros sejam apenas um aglomerado de repugnantes e hipócritas mentiras (LENIN, v. 41, 1986, p. 308).

É ingenuidade e um imperdoável equívoco o limitar-se simplesmente a assimilar o que dizem os livros e os folhetos sobre feudalismo, capitalismo, comunismo, islamismo, terrorismo etc. É preciso ir mais além, pois sem prática, sem trabalho, sem luta o conhecimento livresco divorciando a teoria da prática não tem absolutamente nenhum valor. Esse tipo de divórcio constitui um dos mais repugnantes traços da sociedade burguesa (LENIN, v. 41, 1986, p. 308).

A escola burguesa hoje, vazada pela ideologia de corte neoliberal, declara demagogicamente que além de praticar a inclusão social, quer formar um homem crítico e reflexivo, agente de intervenção social instruído em todos os domínios para ensinar as ciências em geral. Essa fala é apenas mais uma pura mentira da burguesia, pois a cidade do capital existe e se sustenta pela divisão dos homens em classes, em exploradores e explorados. Neste caso, a exclusão é um defeito genético do modo capitalista de produção da existência.

Na cidade do capital onde a exclusão é seu mister, a inclusão social discurso eleitoral, “ao condenar a velha escola nos propomos tomar dela unicamente o que nos é necessário para lograr uma verdadeira educação comunista” (LENIN, v. 41, 1986, p. 309).

É evidente que a escola burguesa permanece livresca e mnemônica, uma escola de adestramento e autoritarismo. Mas erram grosseiramente os que acreditam que se pode ser



comunista sem haver assimilado os conhecimentos acumulados pela humanidade e produzidos nas escolas e universidades burguesas.

É um equívoco imperdoável acreditar que seria suficiente aprender as consignas comunistas, as conclusões do materialismo histórico, sem assimilar a soma dos conhecimentos dos quais é consequência o próprio comunismo. O marxismo, na tradição leninista, é uma explicação de como apareceu o comunismo da soma dos conhecimentos adquiridos pela humanidade, e linha de ação, estribada nestes conhecimentos, à transformação revolucionária da sociedade capitalista.

Marx e Engels analisaram de modo crítico e radical, sem desdenhar de um só ponto, tudo o que havia sido produzido pela sociedade humana, ou seja, analisaram essa produção e a submetem à crítica severa, comprovada pelo movimento operário, de onde retiraram conclusões que os intelectuais burgueses encerrados nos marcos da burguesia e atormentados pelos preconceitos burgueses, não compreenderam.

Segundo Lenin, a educação comunista não deveria sobrecarregar a memória das novas gerações

Com uma quantidade desmesurada de conhecimentos inútil em suas nove décimas partes e desvirtuada na décima parte restante; porém isso não significa que devemos contentar-nos com conclusões comunistas e limitar-nos a aprender de memória as consignas comunistas. Desse modo não se pode edificar o comunismo (LENIN, v. 41, 1986, p. 311).

A tradição leninista afirma que uma condição à edificação da sociedade comunista é que cada um dos arquitetos dessa sociedade enriqueça a memória com todo o tesouro de conhecimentos acumulados pela humanidade, sem os quais não se vai além do ativismo.

Para Lenin não se tratava apenas de refutar o ensino mnemônico burguês, era imprescindível avançar para além da memorização mecânica de conhecimentos inúteis e desvirtuados, era absolutamente necessário

Desenvolver e aperfeiçoar a memória de cada estudante dando-lhe a conhecer fatos essenciais, porque o comunismo seria uma vacuidade, ficaria reduzido a uma fachada vazia, e o comunista não seria mais que um fanfarrão se não re-elaborasse em sua consciência todos os conhecimentos adquiridos (LENIN, v. 41, 1986, p. 311).

Intransigente na questão da formação de quadros comunistas no seio do proletariado e do campesinato pobre e dos estudantes, Lenin desdenhava do

Comunista que se vangloriasse do seu comunismo simplesmente por haver recebido conclusões já estabelecidas, sem haver realizado um trabalho sério, difícil e profundo, sem haver analisado os fatos, frente aos quais estava obrigado a adotar uma atitude crítica seria um comunista lamentável (LENIN, v. 41, 1986, p. 311).

A atitude acima citada, segundo o próprio Lenin, seria funesta. Neste momento, parece que a luz de Sócrates estimula a pena do escriba soviético ao dizer que se eu sei que sei pouco (*ignoro e sei que ignoro* – diria Sócrates), me esforçarei para saber mais; porém se digo que sou comunista e que não tenho necessidade de mais conhecimentos sólidos

(*ignoro e não sabe que ignoro* – diria Sócrates), jamais sairá de mim nada que se pareça a um comunista.

A velha educação burguesa forjava e ainda forja, na melhor das hipóteses, dóceis criados, e, na pior das hipóteses, mercenários indispensáveis aos capitalistas; faziam e ainda fazem dos intelectuais pessoas obrigadas a escrever e falar ao gosto dos capitalistas.

## O EDUCADOR COMUNISTA NA ESCOLA CAPITALISTA

Lutar para apelar a burguesia do poder, levar às últimas conseqüências a crítica e o combate aos intelectuais burgueses, estimular nos trabalhadores, operários e camponeses pobres o desenvolvimento do sentimento anti-burguês e anticapitalista, atuar no sentido de desenvolver no conjunto dos trabalhadores e camponeses a consciência de classe, enfim, ajudá-los a desenvolver a habilidade para reagrupar suas próprias forças, estas são algumas das táticas desenvolvidas pelo educador comunista na escola burguesa e nos movimentos sociais (LENIN, v. 41, 1986, p. 313).

A propósito, não há nas obras de Lenin o delineamento do que seria a *consciência de classe*, dessas obras apenas podemos deduzir o que seja essa consciência. Foi na obra de Wilhelm Reich (1976) que me deparei com a afirmação sobre a consciência de classe como estágio avançado da consciência social, estágio no qual o indivíduo lê, compreende o mundo e se compromete com a sua reprodução (consciência de classe burguesa) ou com a sua transformação (consciência de classe operária).

A *consciência de classe* da classe operária não é apenas “o conhecimento das leis históricas ou econômicas que regem a *vida dos homens*” (REICH, 1976, p. 94), como apregoa a “esquerda de gabinete”, mas, seguramente, é a reunião indissociável de cinco aspectos:

1. O conhecimento das necessidades vitais de cada indivíduo em todos os domínios.
2. O conhecimento das vias e possibilidades de satisfação dessas necessidades.
3. O conhecimento dos obstáculos que lhes são postos, impostos pela sociedade do consumo conspícuo, por sua classe dominante e seus lacaios diplomados.
4. O conhecimento das inibições e ansiedades que impedem cada um de ver claro a fórmula: o inimigo está no seu próprio campo (fórmula particularmente verdadeira a propósito da inibição mental de cada oprimido).
5. O conhecimento da invencibilidade da sua própria força contra a dos opressores, por pouco que ela seja, mas se una em movimento de massa.

Posto isto, o compromisso político do intelectual comunista portador da consciência de classe operária e do somatório do saber filosófico, científico e técnico, é exprimir para a classe operária o que ela própria ou por si só, espontaneamente, não consegue compreender e exprimir.

Lenin insistia com os estudantes procurando fazê-los ver que a tarefa deles era edificar o socialismo, e só poderiam cumpri-la dominando os conhecimentos que a classe dominante domina e ao dominá-los deveriam modificá-los.

Para transformar o comunismo, no lugar de fórmulas, conselhos, receitas, prescrições, programas feitos aprendidos de memória, em algo vivo que coordene o labor imediato de vocês, sabendo converter o comunismo em guia de seu trabalho prático (LENIN, v. 41, 1986, p. 314).

## UM IMBRÓGLIO

Um enredo confuso e intrincado da peça teatral burguesa encerra duas questões contrapostas na educação perversa e deliquescente das novas gerações:

A primeira questão é estribada no seguinte princípio: “saqueias o teu próximo ou ele te saqueará: trabalhas para outro ou o outro trabalha para ti; és escravocrata ou és escravo” (LENIN, v. 41, 1986, p. 317).

É compreensível que as novas gerações educadas nesses princípios assimilem como leite materno, a psicologia, o costume e a idéia da não existência na cidade do capital de senhores e escravos, pequenos proprietários, empregados, funcionários públicos e intelectuais, e nem de homens que se preocupam exclusivamente em ter / adquirir para si tudo o que for possível sem se preocupar com os demais. O avaro, o egoísta, o competidor destruidor e sem sensibilidade, produto final da educação na cidade do capital, é sobejamente escondido.

A segunda questão reporta a educação inserida na luta contra os exploradores, contra os egoístas e a pequena burguesia, contra a psicologia, o costume e as idéias dominantes como aquela que o burguês e o pequeno burguês esbravejam: buscamos nosso próprio e individual benefício, os outros não precisam se preocupar conosco!

Neste caso, as novas gerações, segundo Lenin, só podem aprender o comunismo se conseguirem ligar cada passo da educação e da sua formação profissional, e como cidadão, “à luta incessante dos proletários e dos trabalhadores contra a velha sociedade baseada na exploração” (LENIN, v. 41, 1986, p. 318).

Nesta perspectiva, quando se fala de moralidade ou de moral, para os comunistas estamos a falar de um comportamento moral construído ou encimado na solidariedade com a luta consciente dos oprimidos contra os opressores. A moral comunista, ao contrário da moral burguesa, advoga que a sociedade para ser mais elevada, realmente humana, deve se desembaraçar de uma vez por todas do processo de extorsão de força de trabalho alheia. A moral comunista se consubstancia na luta disciplinada e encarniçada contra a burguesia.

Pensando sobre o que Lenin disse, gostaria de dizer que:

Um homem que viu seu pai e sua mãe viver sob o jugo dos latifundiários e capitalistas, quando ele mesmo participava os sofrimentos daqueles que iniciaram a luta contra os exploradores, quando viu os sacrifícios que custa a continuação desta luta para defender o que foi conquistado e quanto são furiosos inimigos os latifundiários e os capitalistas, esse homem, nesse ambiente, se forja como comunista (LENIN, v. 41, 1986, p. 319).

E se esse homem, nesse ambiente, não se forja como comunista, certamente é porque a base da educação familiar, escolar e religiosa é anticomunista, retrógrada, reacionária. Que outro motivo seria? Ninguém é reacionário ou anticomunista por erro genético.

## O EDUCADOR COMUNISTA, HOJE!

Nesta sociedade ainda se acredita no ensino escolar separado da vida agitada das cidades, ou seja, a educação à margem da vida. Na escola oficial aos jovens intelectos são ofertados rudimentos de ciências, a arte de forjar em si mesmo uma mentalidade pequeno-burguesa, supostamente imaginada como sendo de um homem e de uma mulher culta.

O que é ser comunista? Comunista vem da palavra *communis* que significa comum, quer dizer, na sociedade comunista tudo é comum: a terra, as fábricas, o trabalho, a escola,

as artes, os esportes, o lazer em todos os seus aspectos, enfim, tudo o que é produzido coletivamente. A propósito, pergunta Lenin: “pode ser comum o trabalho se os homens exploram cada um sua própria parcela?” (LENIN, v. 41, 1986, p. 320).

Pode ser comum o trabalho se há homens que vivem da parcela explorada do trabalho de outrem, que vivem do trabalho excedente? Apenas o analfabetismo rastaquêra continua sendo a causa de tanta insensibilidade diante exploração do trabalho pelo capital. E, hoje como ontem, num “país de analfabetos é impossível edificar a sociedade comunista” (LENIN, v. 41, 1986, p. 321).

Portanto, a erradicação do analfabetismo deve ser o primeiro passo à compreensão de que o comunismo é incompatível com a ignorância e o analfabetismo formal; o segundo passo é afirmar que enquanto consumidores passivos da ideologia burguesa, os jovens não superarão a incapacidade de compreender o mundo.

Educados na ditadura do pensamento único, ignorando o conhecimento acumulado pela humanidade em geral e pelas hostes revolucionárias em particular, não compreenderão, como reporta Dermerval Saviani, que sem dominar o conhecimento que os dominadores dominam, não conseguirão fazer parar o processo de dominação.

Precisam se apoderar do conhecimento produzido / acumulado pela humanidade para compreender que a educação burguesa educa homens e mulheres para si e não para se preocuparem com os mais velhos, as crianças, os enfermos e para que todos os afazeres domésticos recaiam apenas sobre as mulheres que se encontram escravizadas e oprimidas. Os educadores comunistas precisam ajudar as novas gerações a se desembaraçarem das trevas da ignorância.

No folheto *Sobre a cultura proletária*, para Lenin a educação política “deve estar impregnada do espírito da luta de classes do proletariado pela exitosa realização dos objetivos de sua ditadura, ou seja, pela derrota da burguesia, a abolição das classes e supressão de toda a exploração do homem pelo homem” (LENIN, v. 41, 1986, p. 342).

Em discurso proferido na Conferência de toda a Rússia dos organismos de educação política, Lenin foi implacável ao dizer que os educadores não deveriam sustentar no trabalho pedagógico o ponto de vista da educação apolítica, pois não era possível “desligar esse trabalho da política” (LENIN, v. 41, 1986, p. 408).

A idéia da educação apolítica dominava a sociedade russa à época de Lenin e ainda domina a sociedade brasileira, ou seja, “qualificar a educação de ‘apolítica’ ou ‘não política’ é uma hipocrisia da burguesia; não é outra coisa senão enganar as massas, humilhadas em 99% pelo domínio da Igreja, pela propriedade privada etc.”. (Idem, ibidem)

Em todas as repúblicas democráticas burguesas os intelectuais da classe dominante se dedicam, precisamente, a enganar as massas dessa maneira. Quanto maior a participação e a importância o Estado tiver no sistema educacional, menos livre é a educação do capital e de sua política. Segundo Lenin pensava

A conexão do mecanismo político com a educação é firme ao extremo em todos os Estados burgueses, ainda que a sociedade burguesa não possa reconhecê-lo francamente. Entretanto, essa sociedade modela ideologicamente as massas por meio da Igreja e de toda a injustiça da propriedade privada (Idem, ibidem).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma educação na contramão da educação burguesa que tanto criticamos como anacrônica, ou seja, uma educação para todos os trabalhadores

Deve consistir em ajudar a educação e instruir as massas trabalhadoras, a fim de superar os velhos costumes e hábitos (...) herdados do antigo regime, os hábitos e costumes dos proprietários que impregnam por inteiro o grosso das massas (LENIN, v. 41, 1986, p. 409).

Devemos defender a educação para o socialismo, etapa inferior do comunismo, e lutar contra a burguesia em todos os terrenos, tanto no terreno militar, quanto no terreno ideológico mediante a educação de hábitos e convicções que a classe operária deve ter adquirido na longa luta pela liberdade política. Hábitos e convicções revolucionárias devem ser ratificados / reforçados, robustecidos, para que o somatório desses hábitos e idéias sirva de instrumento pedagógico à formação da consciência comunista.

A situação mundial sob o domínio do imperialismo, sob o domínio de uma única concepção de mundo, de sociedade e de homem, assume tal proporção que coloca aos educadores a seguinte questão:

Permanecer à margem da luta atual é demonstrar com isto uma inconsciência absoluta – “como essa gente ignorante que ficou à margem da revolução e da guerra e não vê todo o engano do qual a burguesia faz vítimas às massas, não vê como a burguesia deixa, adrede, as massas na ignorância – ou incorporar-se na luta pela ditadura do proletariado” (LENIN, v. 41, 1986, p. 410).

*Tertium non datur!* Não há um terceiro caminho: ou ditadura da burguesia ou ditadura do proletariado. Nesta equação está posta a impossibilidade de alguém se manter equidistante ou numa posição intermediária. Não há três ideologias, mas apenas duas: a capitalista e a comunista. Neste caso, dizia o velho oráculo, tudo o que nos aproxima da ideologia capitalista, nos distancia da ideologia socialista. E o neutro? Bem, o neutro é o que já se decidiu pelo mais forte.

Quase ao final, devo apontar um fato, a quase totalidade dos intelectuais de esquerda continua com medo de si mesmo, ou seja, ainda não se decidiram por tirar a camisa suja com a qual estão habituados e à qual tomaram apego. É chegada à hora de tirar essa camisa suja, é chegada à hora de vestir outra, nova e limpa, a camisa do comunismo.

E ao vestir essa outra camisa, assumindo-a indelevelmente, o educador político jamais omitirá aos seus educandos que a burguesia é “geneticamente” incapaz de deixar por si mesma de ser classe dominante, renunciar de mote próprio aos seus privilégios e lucros. Esse mesmo educador jamais deixará de enfatizar que acreditar no discurso fácil, enganador e encantador da burguesia é assumir a esperança ilusória, a fé sem ação, o sonho vão que, na prática, se converte em embriaguez.

Um educador comunista jamais ocultará aos seus educandos e onde quer que esteja que os intelectuais pequenos burgueses vacilam entre a burguesia e o proletariado, apoiando semelhantes esperanças ilusórias.

Ao recolocar na pauta do dia a necessidade premente de uma educação geral, politécnica, gratuita, obrigatória, este educador familiariza as crianças e os adolescentes de ambos os sexos com os variados e importantes ramos da produção do conhecimento e com os diversos aspectos técnicos e práticos da produção material.

Urge restabelecer a estreita relação entre revolução, educação para o trabalho, educação intelectual e educação física (ginástica militar), como as colunas mestras da formação multifacetada do homem e da mulher do futuro. Esta é a missão histórica dos pedagogos comunistas envolvidos com a demolição do capitalismo e construção de uma nova sociedade com uma sólida base comunista.

E mais. Assumir uma nova postura política ou uma nova mentalidade (*ethos*), marxista, que nos diferencie, sobremaneira e radicalmente dos outros que optaram por não incorporar a *anima* dos enciclopedistas, dos jacobinos proletários e dos bolcheviques.

Esse novo *ethos* pressupõe o combate e o embate, o perder “amigos” que nos abandonam em nome de possibilidades especulativas e que mais ocultam temores do que revelam verdades, e o fazer poucos, mas reais amigos.

Este novo *ethos* significa mover-se contra a destruição da cidadania dos que são cidadãos, sim porque a grande maioria da população brasileira não ultrapassou ainda o umbral da mendicância e do assistencialismo, destruição dos direitos individuais e sociais dos mais humildes, levado a termo pela gerência PT-FMI, notadamente contra os trabalhadores da educação pública.

Aos jovens a quem dedico este artigo digo: o vosso temor na empreitada que os arrosta e arrasta para o conflito e à ruptura, coloca diante de vós um dilema: em que sois, na verdade, diferentes daqueles que os agridem e oprimem?

É preciso assumir, saltar no escuro, arriscar tudo na fabulosa aventura e só quem não teme os dissabores dessa caminhada alcançarão os píncaros luminosos desta aventura chamada vida. Medíocres ou guerreiros, o que escolhem?

Esse é o grande desafio: o que fazer para espantar o nada, resgatar a vida!

## Bibliografia

LENIN, V. I. *IV conferência dos sindicatos e dos comitês de fábricas de Moscou*. In: Obras Completas em cinquenta e cinco volumes, v. 36. 5ª edição. Moscou: Progresso, 1986.

LENIN, V. I. *Sobre as condições de ingresso nos centros de ensino superior da RSFSR*. In: Obras Completas em cinquenta e cinco volumes, v. 37. 5ª edição. Moscou: Progresso, 1986.

LENIN, V. I. *Carta à mesa presidencial da conferência de organizações proletárias culturais e educativas*. In: Obras Completas em cinquenta e cinco volumes, v. 37. 5ª edição. Moscou: Progresso, 1986.

LENIN, V. I. *VI congresso extraordinário dos soviets de deputados operários, camponeses, cossacos e soldados vermelhos de toda Rússia*. In: Obras Completas em cinquenta e cinco volumes, v. 37. 5ª edição. Moscou: Progresso, 1986.

LENIN, V. I. *Discurso pronunciado no I congresso de operários de toda Rússia*. In: Obras Completas em cinquenta e cinco volumes, v. 37. 5ª edição. Moscou: Progresso, 1986.

LENIN, V. I. *Discurso pronunciado no II congresso de professores internacionalistas de toda a Rússia*. In: Obras Completas em cinquenta e cinco volumes, v. 37. 5ª edição. Moscou: Progresso, 1986.

LENIN, V. I. *Carta aos operários da Europa e América*. In: Obras Completas em cinquenta e cinco volumes, v. 37. 5ª edição. Moscou: Progresso, 1986.

LENIN, V. I. *Discurso pronunciado na II conferência de dirigentes das subseções de ensino extra-escolar dos departamentos provinciais de educação pública*. In: Obras Completas em cinquenta e cinco volumes, v. 37. 5ª edição. Moscou: Progresso, 1986.

LENIN, V. I. *Todos a trabalhar no abastecimento de viveres e o transporte*. In: Obras Completas em cinquenta e cinco volumes, v. 37. 5ª edição. Moscou: Progresso, 1986.

LENIN, *Êxitos e dificuldades do poder soviético*. In: Obras Completas em cinquenta e cinco volumes, v. 38. 5ª edição. Moscou: Progresso, 1986.

LENIN, V. I *Projeto de programa do PC(b)R*. In: Obras Completas em cinquenta e cinco volumes, v. 38. 5ª edição. Moscou: Progresso. 1986.

LENIN, V. I *Informe sobre o programa do partido no VIII congresso do PC(b)R*. Obras Completas em cinquenta e cinco volumes, v. 38. 5ª edição. Moscou: Progresso. 1986.

LENIN, V. I *Que é o poder soviético*. Obras Completas em cinquenta e cinco volumes, v. 38. 5ª edição. Moscou: Progresso. 1986.

LENIN, V. I *I congresso nacional de educação extra-escolar*. Obras Completas em cinquenta e cinco volumes, v. 38. 5ª edição. Moscou: Progresso. 1986.

LENIN, V. I *Uma saudação aos operários húngaros*. Obras Completas em cinquenta e cinco volumes, v. 38. 5ª edição. Moscou: Progresso. 1986.

LENIN, V. I. *Tarefas da união de juventudes*. Obras Completas em cinquenta e cinco volumes, v. 41. 5ª edição. Moscou: Progresso. 1986.

LENIN, V. I. *Sobre a cultura proletária*. Obras Completas em cinquenta e cinco volumes, v. 41. 5ª edição. Moscou: Progresso, 1986.

LENIN, V. I. *Discurso pronunciado na conferência de toda a Rússia dos organismos de educação política das seções provinciais e distritais de instrução pública*. Obras Completas em cinquenta e cinco volumes, v. 41. 5ª edição. Moscou: Progresso, 1986.

REICH, W. *O que é consciência de classe?* São Paulo, Martins Fontes, 1976.

---

<sup>1</sup> Professor Associado I da Universidade Federal do Espírito Santo. Licenciado em Educação Física. Doutor em Educação (área de concentração filosofia e história da educação). Pesquisador vinculado ao Grupo de Estudos e Pesquisa em História, Trabalho e Educação do HISTEDR-FE / UNICAMP. Pesquisador Vinculado ao Grupo de Estudos e Pesquisas Marxismo, História, Tempo Livre e Educação – MHTLE / Universidade Estadual de Londrina / UEL

Recebido em: 11/01/11

Aprovado em: 13/03/11.